



### O EXERCÍCIO IRREGULAR DA MEDIUNIDADE

“(...) Tem (...) o homem que se submeter a uma complexa preparação e observar uma regra de conduta, para em si desenvolver o precioso dom da mediunidade. É necessária para isso a cultura simultânea da inteligência, a meditação, o recolhimento, o desprendimento das humanas coisas. (...)” (05)

“(...) Os Espíritos inferiores, incapazes de aspirações elevadas, comprazem-se em nossa atmosfera. Mesclam-se em nossa vida (...), participam dos prazeres e trabalhos daqueles a quem se sentem unidos por analogias de caráter ou de hábitos. Algumas vezes mesmo, dominam e subjagam as pessoas fracas que não sabem resistir às suas influências. Em certos casos, seu império torna-se tal que podem impelir suas vítimas ao crime e à loucura. (...)”

Há perigo para quem se entrega sem reservas às experimentações espíritas. O homem de coração reto, de razão esclarecida e madura, pode daí recolher consolações infáveis e preciosos ensinamentos. Mas aquele que só fosse inspirado pelo interesse material ou que só visse nesses fatos um divertimento frívolo tornar-se-ia fatalmente o objeto de uma infinidade de mistificações, joguete de Espíritos pérfidos que, lisonjeando suas inclinações, seduzindo-o por brilhantes promessas, captariam sua confiança, para, depois, acabrunhá-lo com decepções e zombarias.

É, portanto, necessária uma grande prudência para se entrar em relação com o mundo invisível. O bem e o mal, a verdade e o erro nele se misturam, e, para distingui-los, cumpre passar todas as revelações, todos os ensinamentos pelo crivo de um julgamento severo.(...)” (06)

Falamos dos perigos que a prática mediúnica pode engendrar. Existem, porém, situações que o exercício não se caracteriza por um perigo propriamente dito, mas por abuso ou inconveniente.

Por exemplo, “(...) O exercício muito prolongado de qualquer faculdade acarreta fadiga; a mediunidade está no mesmo caso, principalmente a que se aplica aos efeitos físicos, ela necessariamente ocasiona um dispêndio de fluido, que traz a fadiga, mas que se repara pelo repouso.” (01)

Desenvolver mediunidade nas crianças além de ser inconveniente, é muito perigoso, pois que esses organismos débeis e delicados sofreriam por essa forma grandes abalos, e as respectivas imaginações excessiva sobreexcitação. Assim, os pais prudentes devem afastá-las dessas idéias, ou, quando nada, não lhes falar do assunto, senão do ponto de vista das conseqüências morais.” (03)

O fato de exigir-se cuidados para a prática mediúnica, não deve permitir o exagero de imaginar-se que tal prática levaria ou provocaria a loucura.

“(…) A mediunidade não produzirá a loucura, quando esta já não exista em gérmen; porém existindo este, o bom-senso está a dizer que se deve usar de cautelas, sob todos os pontos de vista, porquanto qualquer abalo pode ser prejudicial.” (02)

“(…) A loucura,, apesar das avançadas conquistas Psiquiátricas e Psicanalíticas, continua desafiador enigma para as mais cultivadas inteligências. Classificada na sua patologia clínica e mapeada carinhosamente, os métodos exitosos nuns pacientes redundam perniciosos noutros ou inócuos, inexpressivos. Isto, porque, a terapia aplicada, apesar de dirigida ao Espírito (psiquê), não é conduzida, em verdade, às fontes geratrizes da loucura: o Espírito reencarnado e aqueles Espíritos infelizes que o martirizam, no caso das obsessões. (...)” (07)

Por isto, “(...) Todas as grandes preocupações do Espírito podem ocasionar a loucura: as ciências, as artes e até a religião lhe fornecem contingentes. A loucura tem como causa primária uma predisposição orgânica do cérebro, que o torna mais ou menos acessível a certas impressões. Dada a predisposição para a loucura, esta tomará o caráter de preocupação principal, que então se muda em idéia fixa, podendo tanto ser a dos Espíritos, em quem com eles se ocupou, como a de Deus, dos anjos, do diabo, da fortuna, do poder, de uma arte, de uma ciência, da maternidade, de um sistema político ou social. Provavelmente, o louco religioso se houvera tornado um louco espírita, se o Espiritismo fora a sua preocupação dominante (...)” (04)

Quando se afirma que a loucura tem como causa primária uma predisposição orgânica do cérebro, queremos deixar claro que o cérebro do Espírito encarnado tem esta deficiência devido a causas cármicas. A loucura, em si, tem origem nos atos perpetrados pelo Espírito no seu passado. “(...) Merece, porém, considerar, o a que denominamos de causas cármicas, aquelas que precedem à vida atual e que vêm impressas no psicossoma (ou perispírito) do enfermo, vinculado pelos débitos transatos àqueles a quem usurpou, abusou, prejudicou (...)” (08)

Não há razão, pois, para julgar que a mediunidade provoque loucura. Ao contrário, o Espiritismo, bem compreendido, “(...) é um preservativo contra a loucura. (...)”

(...) Ora, o verdadeiro espírita vê as coisas deste mundo de um ponto de vista tão elevado (...) que, aos “seus olhos, as tribulações não passam de incidentes desagradáveis, no curso de uma viagem. O que, em outro, lhe produziria violenta emoção, mediocrementemente o afeta. (...) Suas convicções lhe dão, assim, uma resignação que o preserva do desespero e, por conseguinte, de uma causa permanente de loucura e suicídio. (...)” (04)

\*

\*

\*

## FONTES DE CONSULTA

- 01 - KARDEC, Allan. Dos inconvenientes e perigos da mediunidade. In:\_. O Livro dos Médiuns. Trad. de Guillon Ribeiro. 61. ed. Rio de Janeiro): FEBI 1995. Questão 221, Item 2, pág. 264.
- 02 - Item 5, pág. 265.
- 03 - Item 6, pág. 265.
- 04 - Introdução ao estudo da Doutrina Espírita. In:\_. O Livro dos Espíritos. Trad. de Guillon Ribeiro. 75. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1994. Item XV, págs. 41-42.
- 05 - DENIS. Léon. Práticas e perigos da mediunidade. In:\_. No Invisível. Trad. de Leopoldo Cirne. 10. ed. Rio de Janeiro]: FEB, 1983. Pág. 352.
- 06 - Perigos do Espiritismo. In:\_. Depois da Morte. Trad. de João Lourenço de Souza. 18. ed. Rio [de Janeiro): FEB, 1994. Págs. 190-191.
- 07 - FRANCO, Divaldo Pereira. A Loucura. In:\_. Grilhões Partidos. Pelo Espírito de Manoel Philomeno de Miranda. 5. ed. Salvador, BA: Alvorada, 1988. Pág. 34.
- 08 - Pág. 35.